

# Shimmer: quando tudo que você ama está sendo destruído<sup>1</sup>

DEBORAH BIRD ROSE  
New South Wales University | Sydney, Australia

**tradução** PRISCILLA MELLO   
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
priscillaldm@gmail.com

DOI 10.11606/ISSN.2316-9133.V33I1PE 215488

Angiospermas formam a grande família das plantas florescentes e seu modo de vida é sedutor. Elas convidam ou atraem outros através de seu brilho deslumbrante de cores, cheiros, formas e recompensam seus visitantes - pássaros, mamíferos, insetos - com nutrientes. Em seu desejo de atrair outros a quem necessitam para a polinização, elas geraram um potlatch multiespécies por todo o mundo. O brilho da vida deve muito a esta família exuberante e sedutora. Neste capítulo, concentro-me nas relações na Austrália entre angiospermas e um de seus importantes parceiros simbiotes, as raposas-voadoras (do gênero *Pteropus*). Eu pretendo explorar uma matriz de forças, desejos e encantos e mover-me através de uma série de espécies e culturas para levar nossa atenção ao cintilante *shimmer*<sup>2</sup> da biosfera e aos terríveis destroços da vida nesta era a que nos referimos como Antropoceno.

Onde melhor aprendi sobre o brilho da vida foi com os aborígenes<sup>3</sup> na região do Rio Victoria, no território do norte da Austrália, um lugar para o qual venho retornando há mais de trinta anos. Uso o conceito de shimmer para este capítulo porque acredito que ele seja suscetível a uma captura recíproca com o pensamento ocidental. Para a filósofa Isabelle Stengers (2010: 35), “captura recíproca” é “um evento, a produção de novos, imanentes modos de existência” nos quais nenhuma entidade transcende ou obriga a outra a se curvar. É um processo de encontro e transformação, não absorção, em que diferentes formas de ser e fazer encontram coisas interessantes para se criar em conjunto.

Stengers propõe que possibilidades para novos modos de existência emergem em atos de dupla captura, e minha esperança é que um encontro com o shimmer possa nos ajudar a perceber e cuidar melhor daqueles que estão em perigo ao nosso redor. Aqui, à beira

---

<sup>1</sup> Tradução do original “Rose, Deborah Bird. 2017. Shimmer: When All You Love Is Being Trashed.” In: Arts of Living on a Damaged Planet: Ghosts and Monsters of the Anthropocene, edited by Anna Lowenhaupt Tsing et al, G51-G63. Minneapolis: Minnesota Press. Tradução realizada com autorização da editora Minnesota Press.

<sup>2</sup> N.T.: Mantive o termo “shimmer” ao longo do texto para ressaltar a tradução antropológica buscada pela autora, e tal como “dreamings”, a palavra seguirá sem o itálico após a primeira aparição para facilitar a leitura. Os outros termos em itálico seguem como no texto original.

<sup>3</sup> N.T.: Aqui mantenho a expressão “aborígene”, ressaltando as reservas ao termo. Cf. Povinelli 2002.



e215488

<https://doi.org/10.11606/ISSN.2316-9133.V33I1PE215488>

da extinção, é o lugar para começar, quando os mundos que são amados por alguém - incluindo angiospermas e raposas-voadoras - estão sendo destruídos.

A crise da extinção é muito real. As taxas de extinção atuais são talvez dez mil vezes as taxas de extinção normais<sup>4</sup>; como diz o ecologista Steven Harding (2010: 107), nós somos espécies em hemorragia. Quando os cientistas nos oferecem números, eles estão falando sobre um tipo de medição de presença verificável ou, em certo sentido, ausência presumida. Esses números são uma amostra para a qual vale a pena prestar atenção. No entanto, o que realmente está ocorrendo é mais terrível do que os números indicam. Existem as extinções funcionais, as cascatas de extinção, os vórtices de extinção; esses são caminhos em que, à medida que as coisas começam a seguir por uma estrada de morte, outras começam a ir também. Relacionamentos se desfazem, mutualidades vacilam, dependência torna-se um perigo ao invés de uma bênção e mundos inteiros de conhecimento e prática são reduzidos. Estamos olhando para mundos de perda que são muito maiores do que os números de extinção de espécies sugerem. Como eu mostrarei em breve, shimmer, o poder ancestral da vida, surge das relações e dos encontros, e, assim, cascatas de extinção varrem o shimmer do mundo. A perda é devastadora e pouco compreensível.

Cascatas de extinção envolvem falhas de conectividade. Das muitas histórias que se pode contar sobre conectividades multiespécies, o ponto de início para mim é na Austrália aborígene, onde tenho aprendido sobre parentesco e conectividades multiespécies por muitos anos. Pode-se dizer que as histórias começam “no princípio” com os *Dreamings* [Sonhadores], também conhecidos como os ancestrais da criação. Os Dreamings são os criadores de grande parte da vida biótica da Terra. Eles são metamorfos e os fundadores dos grupos de parentesco. Esses grupos de parentesco incluem os descendentes humanos e não-humanos dos ancestrais. Na área onde tenho décadas de experiência em pesquisa os Dreamings Raposa-voadora (*P. alecto*) são os ancestrais fundadores de muitas pessoas. Igualmente, as criaturas cotidianas são os principais polinizadores de muitas árvores da região. A vida flui dos ancestrais ao presente e ao futuro, e desde o início é um projeto interativo multiespécies envolvendo (minimamente) raposas, angiospermas e seres humanos.

Fui adotada por um grupo de pessoas raposas-voadoras, e para mim esta tem sido uma atração surpreendentemente poderosa, chamando-me a considerar como eu poderia viver uma ética de parentesco e cuidado dentro desta família multiespécies. Com isso vem uma obrigação: o compromisso de testemunhar os mundos cintilantes, animados, poderosos e interativos que percorrem as ondas de poder ancestral. Este compromisso me chama a empenhar-me em formas de estudo que incentivem a “imersão apaixonada” na vida de humanos e não-humanos (Tsing, 2011: 19).

## Brilho do Movimento e do Encontro

---

<sup>4</sup> N.T.: A taxa de extinção de fundo, também conhecida como taxa de extinção normal, refere-se à taxa padrão de extinção na história geológica e biológica da Terra antes que os humanos se tornassem os principais contribuintes para as extinções.

Shimmer é uma estética aborígine que ajuda a nos chamar para esses mundos multiespécies. Eu uso o termo “estética” de uma maneira não técnica para discutir coisas que apelam aos sentidos, coisas que evocam ou capturam sentimentos e respostas. Eu quero pensar em estética, em parte, em termos angiospermas, isto é, em termos de iscas que tanto atraem a atenção quanto oferecem presentes.

Em seu ensaio clássico intitulado “From Dull to Brilliant” [Do Monótono ao Brilhante], o antropólogo Howard Morphy (1989) discute a arte na região de Arnhem Land no Norte da Austrália. Seu foco está no termo Yolngu *bir’yun*, que traduz como “brilhante” ou “cintilante” [shimmering]. Esta é uma estética que se encontra em muitas partes da Austrália e não se limita à arte. Ela permeia ritual, dança, e muitos aspectos da vida de modo mais amplo. A análise de Morphy é uma das melhores para chegar aos processos multiespécies que me preocupam. Como Morphy descreve o brilho (ou cintilância [shimmer] - ambos os termos são bons), o processo de pintura Yolngu começa como um bloco grosseiro de formas e, em seguida, se torna um desenho de linhas finas. Quando uma pintura tem apenas sua forma dura, os artistas descrevem-na como “monótona”. As linhas finas, mudam a pintura para “brilhante”, e é o brilho do trabalho finamente detalhado que captura o olho. *Bir’yun* é o shimmer, o brilho e, dizem os artistas, é uma espécie de movimento. O brilho realmente lhe captura. O brilho permite ou traz você para a experiência de fazer parte de um mundo vibrante. Quando uma pintura atinge o brilho, por exemplo, as pessoas dizem que isso captura o olhar, muito no sentido como este é capturado pelo sol reluzindo na água. É uma captura que está por toda parte: a água captando e refletindo o sol, o sol brilhando na água, os olhos dos observadores atraídos e encantados, a dança efêmera de tudo. É igualmente uma isca: criaturas aguardam por serem pegas, por experimentar aquela beleza, aquela surpresa, aquele brilhante e efêmero momento de captura.

*Bir’yun*, ou shimmer, ou brilho, é — as pessoas dizem — a capacidade real de alguém ver e experimentar o poder ancestral. Isso quer dizer que, quando alguém é capturado pelo shimmer, experimenta não apenas a alegria da captura visual, mas também, e de forma mais elegante ao se tornar mais conhecedor, o poder ancestral à medida que se move ativamente pelo mundo.

Eu aprendi sobre *bir’yun* dançando a noite toda. Ao contrário de Morphy, não trabalhei com artistas visuais; em vez disso, encontrei pessoas que se concentravam na performance, que conectavam os corpos e a terra através da dança e da música (Bird Rose 2005; 2008). Na música existem vários padrões temporais diferentes e é através desses padrões temporais que se começa a experimentar o shimmer. Etnomusicólogos descrevem essas experiências como iridescência (Ellis, 1984). Os padrões temporais são uma espécie de avanço e recuo, indo e vindo até o ponto em que a música e a dança se tornam iridescentes (ou shimmer) com o poder ancestral.

Como o exemplo do brilho do sol na água indica, o *bir’yun* excede a ação humana. “From Dull to Brilliant” pode ser lido como um relato de ecologia: a Terra brilha [the Earth shimmers]. Os padrões ecológicos são múltiplos e, para encontrar apenas um exemplo, podemos pensar sobre o pulso. Lembre-se que dentro do domínio da arte um pulso é executado primeiro trazendo a pintura de monótona para brilhante. Então, ao final de um

ritual, as pinturas brilhantes são apagadas; tornam-se amorfas novamente. Um processo semelhante ocorre com a dança: primeiro o canto e a dança que geram iridescência, depois as canções e os movimentos que a fecham novamente. Em uma escala ecológica no norte da Austrália, um dos padrões mais óbvios é o pulso entre as estações chuvosa e seca. A aridez da estação seca embota a paisagem de muitas maneiras (embora o território esteja sempre bonito): há um retrocesso da fertilidade, uma perda de água e, portanto, perda da possibilidade de o sol brilhar na água. Mas então, as coisas começam a se mover para o brilho novamente: o relâmpago começa a acender as coisas, as chuvas começam a produzir brotos verdes brilhantes e o arco-íris oferece seu próprio tipo de brilho. Shimmer vem com o novo crescimento, o processo de tudo-se-tornar-novo de brilho, saúde e as novas gerações<sup>5</sup>.

Este é o mesmo movimento das pinturas – do monótono ao brilhante, e depois de volta para o monótono, e então de volta para brilhante. Os pulsos ecológicos vêm e possibilitam a experiência do poder ancestral. De fato, para que o poder surja adiante ele deve retroceder. Para que o shimmer capture o olho deve haver ausência de shimmer. Para entender como a ausência produz, ela deve ser entendida não como falta, mas como potência. É aqui que se percebe, de novo, o terrível desastre das cascatas de extinção: não apenas a vida e o shimmer da vida, mas muitas de suas múltiplas potências estão se erodindo.

### Excepcionalismo Humano

Os legados ocidentais do mecanicismo não são uma boa maneira de apreciar seja o monótono [dull] ou o brilhante<sup>6</sup>. O termo *bir'yun* - que não (se) distingue entre os domínios da natureza e da cultura - é característica de um mundo animado e pulsante, não mecanicista. *Bir'yun* nos mostra que o mundo não é composto de peças e engrenagens, mas de multifacetadas relações e pulsos multiespécies. Agir como se o mundo além dos humanos fosse composto de “coisas” para o uso humano é um ataque catastrófico à diversidade, complexidade, abundância e beleza da vida.

Os legados do mecanicismo ocidental se manifestaram por meio de repetidas afirmações do excepcionalismo humano - que o homem é o único animal a fazer ferramentas; que o homem é o único animal com linguagem, um senso de justiça, generosidade, humor; esse homem é a única criatura consciente. Por um lado, todas essas alegações de excepcionalismo foram completamente minadas. Outros seres também fazem coisas maravilhosas e inteligentes; nós não somos o único ponto fora da curva, mas sim, parte de vários contínuos. Por outro lado, no entanto, o termo *Antropoceno* lembra que ainda não é hora de abandonar algum sentido de excepcionalismo humano. Em vez disso, ao colocar em primeiro plano os excepcionais *danos* que os humanos estão causando, o

---

<sup>5</sup> Minha descrição aqui é extremamente mínima. O brilho dos pulsos ecológicos surge também em suas ondulações cruzadas e transversais, por exemplo, o trabalho do sol garante que a chuva não domine a terra, e o trabalho da chuva garante que o sol não tome conta; seu pulso é complementar, e cada parte chega como relevo do excesso da outra. Há os ventos e o jogo dos ventos na grama e nas nuvens. O efeito, se estivermos atentos, é uma iridescência ou brilho que se acende nessas escalas maiores.

<sup>6</sup> Pode-se pensar que o desencantamento da vida terrena traz um embotamento generalizado, por isso é importante distinguir entre “dull” como um tom enfadonho de ausência e “dull” como o termo está sendo usado neste contexto, como parte de um pulso, uma zona de potencialidade.

Antropoceno nos mostra a necessidade de retrabalharmos radicalmente as formas de atenção ao que marca a espécie humana como diferente.

Uma das grandes tarefas e oportunidades para o nosso momento e para as humanidades ambientais é “ficar com o problema *humano*” [“to stay with the *human* trouble”] para usar e torcer o termo de Donna Haraway (2008). Façamos outra recursão pelo terreno de nossa espécie, desta vez tentando contar relatos mais verdadeiros do que aqueles que enfatizam nossa maravilhosa superioridade. Em uma recursão ecologicamente atenta, descobrimos que o homem é o único animal a destruir voraz, implacavelmente e viciosamente o mundo da vida na terra. O homem é o único animal a torturar sistematicamente membros de sua própria espécie, bem como membros de inúmeras outras espécies e a se envolver em matanças aparentemente intermináveis e muitas vezes extremamente indiscriminadas. Precisamente porque a crueldade humana tende a sair de nossas conversas, quero insistir para que nos demoremos com ela. É uma coisa terrível de se ficar por muito tempo, mas aqueles que sofrem, sejam humanos ou mais-que-humanos, não têm escolha. Eles têm que ficar com ela porque a experimentam. No mínimo, nós, que ainda não fomos arrastados pelo vórtice da violência, somos chamados a reconhecê-la, nomeá-la e resistir a ela; somos chamados a testemunhar e a oferecer cuidado.

Um exemplo recente de violência vem de um evento na cidade de Charters Towers, no norte da Austrália, em dezembro de 2013. Um grupo de moradores há algum tempo reclamava sobre um local de reprodução de raposas-voadoras em um parque municipal. Na visão deles as criaturas eram “pragas”. E assim eles organizaram e conduziram uma ofensiva. Aconteceu com a aprovação do governo local; de forma alguma era um segredo.<sup>7</sup> O ataque nos mostrou (mais uma vez) que o homem é o único animal que ataca criaturas indefesas com fumaça, canhões de água e fogos de artifício; que usa helicópteros em voo baixo para aterrorizar as raposas-voadoras e criar correntes de ar que quebram os ossos de suas asas. O homem é o único animal que atira em outras criaturas com armas de paintball, e quando as criaturas se agitam aterrorizadas ou caem no chão feridas e em choque, o homem é o único animal que aplaude.

Este retrato da crueldade humana é tão unilateral quanto os relatos anteriores de nossa maravilhosa superioridade. Mas quando destacamos as qualidades impiedosas e destrutivas dos humanos, vemos a desesperada necessidade de encontrar maneiras de recuperar os lados relacionais e mutuamente benéficos da história sobre quem somos e do que somos capazes.

## **A habilidade de cuidar**

Uma das coisas mais interessantes sobre os humanos é nossa notável plasticidade como indivíduos e como espécie. Enquanto a crueldade é de fato uma das grandes insígnias de um modo distintamente humano, existem outros aspectos de nossa capacidade que nos ajudam a comungar com outros seres. Em nossa pesquisa etnográfica multiespécies à beira

---

<sup>7</sup> Um excelente relato pode ser visto no YouTube na forma de um documentário de Noel Castley-Wright investigando os maus-tratos animais aplicados às colônias de raposas-voadoras: “State of Shame—Queensland's Legislated Animal Cruelty,” video, 22:13, April 6, 2014, [https://www.youtube.com/watch?v=0wE5SD6k\\_9-U](https://www.youtube.com/watch?v=0wE5SD6k_9-U).

da extinção, meu colega Thom Van Dooren e eu temos trabalhado com voluntários, cientistas e outras pessoas que estão fazendo um serviço reparativo e protetivo de criaturas cujo futuro-espécie está em perigo.

Os cuidadores de raposas-voadoras são um conjunto de pessoas apaixonadas que trabalham à beira da extinção e que abriram suas vidas e lares para outros seres. Embora não haja como saber exatamente quantas dessas criaturas aladas moravam na Austrália antes da colonização britânica, é certo que suas populações foram radicalmente reduzidas. Hoje, duas espécies continentais de raposas-voadoras estão listadas como vulneráveis à extinção sob a Lei de Proteção Ambiental e Conservação da Biodiversidade da Commonwealth de 1999 (Australia, 2023). Cuidar de raposas-voadoras pode assumir a forma de proteção do habitat e muitas outras formas de ativismo e incluir o desenvolvimento de artes e éticas de convivialidade multiespécies (Van Dooren, Rose, 2012). Os cuidados mais íntimos envolvem os órfãos; os bebês adotivos devem se sentir parte de uma família. Eles precisam ser alimentados e tocados regularmente. A intencionalidade humana infunde a prática do cuidado; jovens podem morrer sem cuidados táteis, vocais, sociofamiliares.

Quando a infância acaba as raposas-voadoras não querem mais os pais, então o cuidado envolve prepará-las para formas adultas de sociabilidade. Elas entram em um programa de liberação gradual onde aprendem a interagir com outras raposas-voadoras, a voar e navegar. Finalmente, elas voltam para a floresta. E o que acontece então? Algumas terão sorte e outras não. Muitas serão feridas por perigos antropogênicos e acabarão de volta aos cuidados. Assim, o cuidado é uma resposta ética que envolve ternura, generosidade e compaixão, e o cuidado é uma contínua assunção de responsabilidade diante da violência e do perigo contínuos. Pulsos de dano e cuidado oferecem uma história peculiarmente reveladora do Antropoceno, destacando emaranhados multiespécies, modos conflitantes de ser humano, morte em massa e, através de tudo isso, como elaboro mais adiante, um grande e alegre desejo de vida.

Essa recursão pelo terreno de nossa espécie reconhece tanto a violência humana quanto o cuidado que busca mitigar os efeitos da violência. Implicitamente, reconhece a utilidade multiespécies da inventividade humana moderna na forma de antibióticos, fórmulas infantis, e mamadeiras, por exemplo. Em seu âmago, vemos belos modos de atenção cuidadosa e os vemos como respostas relacionais que emergem de nós por meio de encontros com outros e que nos permitem participar do shimmer da vida.

### **Uma história de amor**

O cuidado faz parte de uma história mais ampla de desejo que me leva de volta às angiospermas e ao shimmer da vida. Flores e raposas-voadoras se reúnem todos os anos com um belíssimo timing e extraordinária generosidade, dando umas nas outras grandes beijos que trazem novas gerações à vida. De um lado desse beijo está uma corte de árvores australianas — eucaliptos, corimbias e outros membros da família Myrtaceae. As árvores dão flores brilhantes, vistosas e perfumadas porque precisam ser polinizadas e, de fato, muitas delas precisam de polinização cruzada. Elas se saem melhor quando seu pólen é levado de árvore em árvore a uma certa distância. Por outro lado, as raposas-voadoras são altamente sintonizadas com o olfato, têm uma excelente visão noturna que está

especialmente atenta às cores claras e têm padrões de forrageamento que as mantêm se movendo de árvore em árvore por amplas áreas. Elas costumam viajar cinquenta quilômetros por noite, e muitas viajam mais de mil quilômetros por ano. As árvores produzem seu pólen e néctar mais nutritivos e abundantes à noite, quando as raposas-voadoras saem. Pássaros e abelhas pegam as sobras que foram deixadas na manhã seguinte.

A floração ocorre sequencialmente e as raposas-voadoras, de algum modo, sabem quando as árvores começam a florescer a centenas de quilômetros de onde estão, e as seguem em massa. Tanto as árvores quanto as raposas-voadoras dependem desses encontros. A língua encontra a flor e a flor encontra a língua em um beijo de mutualismo simbiótico. As árvores chamam as raposas-voadoras na linguagem das cores e fragrâncias, e as raposas-voadoras respondem com gosto.

Um dos grandes enunciados de outras espécies é este belo assentimento à vida. Temos uma boa palavra para isso em inglês. É o grande, expressivo, demonstrativo “sim”. Consideremos a vivaz, extravagante beleza, a exuberância e a sedução deslumbrante com que os eucaliptos dizem sim. Eles se abrem sequencialmente e, quando estouram, cada galho e rama diz: “Sim! Mais! Mais botões, mais flores, mais cor, mais perfume, mais pólen, mais néctar!” Cada vez mais, e tudo o que pode ser conjurado de dentro da árvore para alcançar o mundo com este chamado grande, vívido e multissensorial “sim!”. E, por sua vez, as raposas-voadoras vêm correndo responder. Seu sim inclui suas longas línguas perfeitamente adaptadas para sugar o néctar e seus delicados bigodes que captam o pólen e distribuem mais de 70% dele, intacto. Elas carregam futuros de eucalipto em seus rostinhos peludos, e através das paisagens irregulares e cada vez mais fragmentadas da Austrália contemporânea, a renovação da mata e da vida na floresta depende desse sim específico. Uma nova geração de árvores é carregada no pelo, na língua e nas asas que batem pela noite, atraindo o animal para as árvores e carregando os presentes das árvores para outras árvores. Ao mesmo tempo, uma nova geração de raposas-voadoras é nutrida para a vida com cascatas de um glorioso néctar.

## **Dizendo Sim**

Nós, humanos, também podemos dizer sim. Há um conjunto grandioso de contextos para os quais dizermos sim, mas para ficar com as raposas-voadoras, é claro que celebrar sua vida é dizer sim aos eucaliptos e, portanto, dizer sim às secas florestas de esclerófilas e às florestas tropicais. É dizer sim à fotossíntese e dizer sim ao oxigênio. Por que alguém não diria? Nós inspiramos, expiramos. Neste mundo de conectividade vivemos para celebrar outro dia e experimentar o brilho da vida à medida que ele surge em nossas vidas com todos os tipos de lágrimas, felicidade, tristeza, compromisso, amor, exuberância e celebração. Claro, nós humanos fazemos parte disso. As ondas de poder ancestral que brilham e nos capturam também são exatamente as relações que nos impulsionam e nos sustentam. O beijo da vida é uma bênção ancestral, viva, brilhante e pulsante no mundo ao nosso redor e dentro de nós.

Ao mesmo tempo, também podemos pensar no que é recusado quando nos afastamos de toda essa abundância. Em vez do beijo da vida, nós humanos frequentemente oferecemos um não retumbante, e cada não também ondula e reverbera através de animais

e árvores, através da fotossíntese e do oxigênio, até mesmo na respiração, nos batimentos cardíacos e nos ritmos da própria vida. O não invade o brilho da vida, desfazendo o poder ancestral. Neste tempo de extinções seremos solicitadas repetidamente a defender a vida, e isso significa defender a fé no significado da vida. Somos chamadas a viver na fé de que existem padrões além dos nossos padrões conhecidos e que, em meio a tudo o que não conhecemos também adquirimos conhecimento. Somos chamadas a reconhecer que em meio a tudo aquilo que não podemos escolher, também fazemos escolhas. E somos chamadas ao reconhecimento: do brilho das pulsações da vida e dos grandes padrões dentro dos quais o poder da vida se expressa. Somos, portanto, chamadas a agradecer pelo fato de que, em meio à terrível destruição, a vida encontra maneiras de florescer e que o shimmer da vida realmente nos inclui.

### Referências bibliográficas

- AUSTRALIA, *Australian Government Department of Environment*. 2023. “Flying-Foxes: Environment Law”. Acessado em 25 de março de 2024. <https://www.dceew.gov.au/environment/biodiversity/threatened/species/flying-fox-law>.
- ELLIS, Catherine. 1984. “Time Consciousness of Aboriginal Performers”. In *Problems and Solutions: Occasional Essays in Musicology Presented to Alice M. Moyle*, ed. Jamie Kassler and Jill Stubington, 149-85. Sydney: Hale and Iremonger.
- HARAWAY, Donna. 2008. *When Species Meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- HARDING, Stephan. 2010. “Gaia and Biodiversity”. In *Gaia in Turmoil: Climate Change, Biodepletion, and Earth Ethics in an Age of Crisis*, ed. Eileen Crist and H. Bruce Rinker. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- MORPHY, Howard. 1989. “From Dull to Brilliant: The Aesthetics of Spiritual Power among the Yolngu”. *Man*, New Series 24, no. 1: 21-40.
- POVINELLI, Elizabeth A. 2002. *The Cunning Of Recognition - Indigenous Alterities and the Making of Australian Multiculturalism*. Durham & London: Duke University Press.
- ROSE, Deborah Bird. 2005. “Pattern, Connection, Desire: In Honour of Gregory Bateson,” *Australian Humanities Review*, 35. Acessado em 25 de março de 2024. <https://australianhumanitiesreview.org/2005/06/01/pattern-connection-desire-in-honour-of-gregory-bateson/>.
- ROSE, Deborah Bird. 2008. “Dreaming Ecology: Beyond the Between”. *Religion and Literature* 40 (1), 109-22.
- ROSE, Deborah Bird. 2011. *Wild dog dreaming: Love and extinction*. University of Virginia Press.
- STENGERS, Isabelle. 2010. *Cosmopolitics I*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- TSING, Anna. 2011. “Arts of Inclusion, or, How to Love a Mushroom”. *Australian Humanities Review*, 50, 5-21.
- VAN DOOREN, Thom; Rose, Deborah Bird. 2012. “Storied-Places in a Multispecies City”. *Humanimalia* 3, no. 2, 1-27.



## sobre a autora

### **Deborah Bird Rose**

Antropóloga que, por meio de seus escritos sobre extinção, ética e filosofia ecológica aborígene, se tornou uma figura-chave para animar as humanidades ambientais. Seu trabalho, baseado em pesquisas de longo prazo com povos aborígenes na Austrália, concentra-se em comunidades multiespécies neste momento de mudança climática. Foi professora do Programa de Humanidades Ambientais da Universidade de New South Wales, Sydney, e cofundadora da revista *Environmental Humanities*. Seu livro mais recente foi “Wild Dog Dreaming: Love and Extinction” (2011). Deborah Bird Rose faleceu no dia 21 de dezembro de 2018 em Sydney, Austrália

## sobre a tradutora

### **Priscilla Mello**

Doutoranda em Antropologia Social no Museu Nacional/UFRJ. Trabalha com antropologia da política e da religião entre povos tradicionais de matriz africana/afroindígena e movimentos sociais no campo. Realizou sua pesquisa de mestrado em um assentamento rural e quilombo contemporâneo no sul da Bahia (2020) e hoje sua pesquisa de doutorado é junto a comunidades negras da Costa Chica de Guerrero e Oaxaca, no Pacífico mexicano.

**Autoria:** A autora é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

**Financiamento:** A pesquisa com cuidadores foi financiada pelo Australian Research Council.

Priscilla Mello é bolsista de doutorado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico (CNPq).

Recebido em 28 de agosto de 2023.  
Aprovado para publicação em 19 de março de 2024.